

# CATULO:

O ciclo de poemas a

Juvêncio e mais

dois poemas

Catulo: o ciclo de poemas a Juvêncio e mais dois poemas Um caso de semiótica? Caio Valério Catulo nasceu em Verona entre 87 e 84 e morreu por volta de 52 a.C. Para nós hoje é praticamente o único poeta latino do fim do regime republicano em Roma, que teve prosadores como Cícero, Júlio César, Salústio e Cornélio Nepos. Houve, é claro, vários outros poetas, que, com exceção de Tito Lucrécio Caro, não tiveram os escritos preservados, a não ser fragmentariamente. Entretanto, Lucrécio, a despeito de compor *De rerum natura*, "Da natureza das Coisas", longo e vigoroso poema didático em hexâmetros datílicos, hoje é lido mais como a maior fonte da filosofia epicurista, do que também

como poeta. Catulo é, assim, entre os latinos, o primeiro poeta lírico, elegíaco e epigramático cuja obra nos chegou praticamente inteira. Nela, entre outros, há dois conjuntos de poemas amorosos: um dedicado a uma mulher casada, que nomeia "Lésbia", outro a um adolescente chamado Juvêncio. Do "ciclo de Juvêncio" apresentamos aqui os poemas 15, 24, 48, 81 e 99.1 São composições propriamente "pederásticas" porque exibem o amor (em grego éros) por um adolescente (em grego páis, paidós). Essa espécie de poemas amorosos já era designada pelos gregos antigos como moúsa paidiké, "a musa — bem entendido — a poesia (amorosa) para o rapaz", da qual é exem-

plo eloquente o volume 12 da Antologia grega (ou Antologia palatina).<sup>2</sup> Mais do que documentar a experiência afetiva do Catulo histórico, que é sempre problemático aferir, os poemas pederásticos são decerto um pequeno monumento de delicadeza poética, são um minimonumento de ternura, se entendermos o termo também pela acepção antiga do adjetivo tener, que significa não apenas "terno", no plano afetivo, mas antes "tenro" no plano físico, de que o adolescente apolíneo é para os antigos (e para o infeliz Aschenbach, de A morte em Veneza) a materialização mais perfeita. A delgada e passageira perfeição do tenro adolescente deve ser perenizada no poema pederástico pela perfeita ternura da linguagem, que se deixa ver de imediato pelos muitos diminutivos — integellum (15, 4, "inteirinho"), floseulum (24, 1, "florzinha"), suauiolum (99, 2, "beijinho"), tantillum (99, 6, "tantinho"), labella (99, 7, "labiozinhos"), articulis (99, 8, "dedinhos") — e depois pela oposição



experiência factual com integrantes da família, senão como signo verbal, isto é, a palavra *Iuuentus*, cognata de *Iuventas* e *Iuuentus*, que significam "juventude": pode ter havido um menino chamado "Juvêncio", mas para o poeta "Juvêncio" é a palavra "Juvêncio", a concretização verbal do adolescente idealmente eterno e radicalmente necessário á espécie pederástica de poemas que Catulo também pratica. No universo do amor pederástico deste Catulo textual, a riqueza, a única abundância é, antes de tudo, o próprio exercício poético do delicado amor: sejam os trezentos mil beijos que quer dar em Juvêncio, seja aquele único beijinho que lhe rouba. O sujeito do discurso, que leva o nome do poeta, é o *erastés*, o amante ativo e aquele que deseja o rapaz, e que é, sobretudo, o único enunciador do discurso. Esta é sua maior "atividade". Sabe-se que o *poietés* antigo é "fazedor": para um artífice tal, nas condições materiais de execução e recepção da poesia em Roma, "fazer amor com um rapaz" concretiza-se primeiro pelo "fazer um poema amoroso ao rapaz".



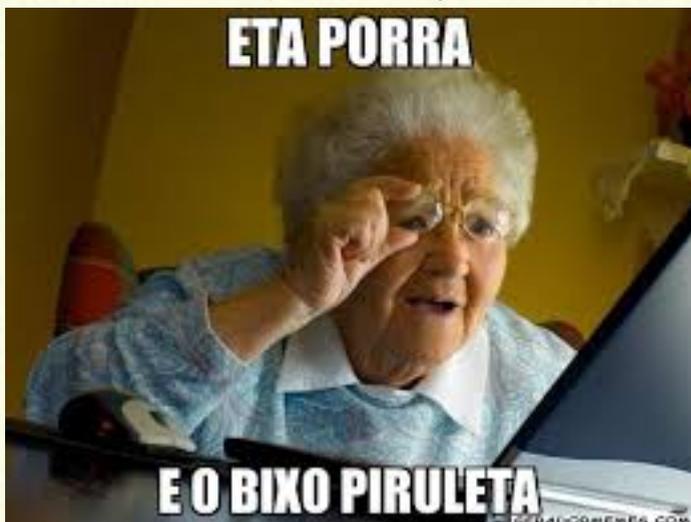
texto, que menciona o vinho, de fato descortina um dos modos como em Roma poetas convivendo no mesmo círculo — numa espécie de simpósio ("beber em companhia"), que em latim bem se diz convivium, "desfrutar juntos a vida" — compunham poemas, ou ao menos, começavam a compô-los. São poemas líricos, da espécie bem chamada "convivial" ou "simpótica": com o entusiasmo próprio do vinho e da musa, nos fazem esquecer um pouco do peso cotidiano de todo dia, dia após dia, e celebram ali, na concretude substancial da iguaria, da bebida e da canção, o melhor da vida: o amor, os amigos. A graça e o encantamento do amigo Calvo são também, como sempre na poesia latina, a graça e o encantamento dos poemas do amigo. Imaginemo-nos: o mesmo amigo que podemos muito amar a despeito de tudo é também aquele cujos poemas nos enchem da maior admiração! [João Angelo Oliva Neto]

1 Os outros são 16, 21, 23 e 26. 2 O volume é intitulado *Zr párcavoç goikta neaSucq*, "A musa pederástica de Estratão". Estratão de Serdes é poeta grego que viveu no tempo de imperador Adriano (76-138 d.C.) imperador de 117 a 138 d.C. Segundo o bibliotecário bizantino Constantino Céfalas, que é um dos antologistas da Antologia grega, Estratão compôs um livro de poemas pederásticos a que chamou *goi5cFa nouSucr'i*, muitos dos quais (não se sabe quantos) comparecem no volume 12.

Catullus 15 Commendo tibi me ac meos amores,  
Aureli. Veniam peto pudentem, ut, si quicquam animo  
tuo cupisti, quod castum expeteres et integrum,  
conserues puerum mihi pudice, 5 non dico a populo —  
nihil ueremur istos, qui in platea modo huc modo alie  
in re praetereunt sua occupati — uerum a te metuo  
tuoque pene infesto pueris bonis malisque. 10 Quem  
tu qua lubet, ut lubet moueto quantum uis, ubi erit  
foris paratum: hunc unum excipio, ut puto, pudenter.  
Quod si te mala mens furorque uecors in tantam  
impulerit, sceleste, culpam, 15 ut nostrum insidiis  
caput lacessas, atum te miserum malique fati, quem  
attractis pedibus patente porta percurrent  
raphanique mugilesque.



A ti eu me confio e meus amores, Aurélio, e de pudor eu peço  
vênia pois se já desejava algo em teu ânimo que mantivesses  
casto e inteirinho,  
preserves em pudor este menino, 5 não digo das pessoas —  
delas nada temo a passar na praça aqui e ali  
com suas próprias coisas ocupadas. Minha paúra és tu, e é teu  
pau,  
atal aos bons, fatal aos maus meninos; 10 por onde queiras,  
como queiras, leva-o, quando saíres, pronto para tudo.  
Só ele excluo, sim, pudicamente, pois se uma ideia má ou louca  
fúria  
te impelir, pérfido, a tamanho crime 15 de preparar insídias  
contra mim,  
então, ah!, infeliz e malfadado, pelos pés arrastado, por teu  
rabo aberto vão passar mugens e rábãos



## Catulo 24 R1

Ó tu, que és a florzinha dos Juvêncios, e não só destes, mas de quantos foram ou no futuro, após, inda serão:

antes riquezas mil de Midas desses àquele que não tem escravo ou arca, 5 que te deixares ser por ele amado. "Quê?, não é homem belo?", dizes.

É. Mas falta ao "belo" ter escravo ou arca. Recusa e ignora o fato o quanto queres.

(Porém, escravo ele não tem, nem arca!). 10

## Catulo 48

Os teus olhos de mel, Juvêncio, se eu os pudesse  
beijar continuamente, continuamente eu beijaria até

trezentos mil sem ver-me satisfeito

nem se mais densa do que espigas secas fosse a  
messe dos beijos meus e teus

## Catulo 81

Não havia, Juvêncio, em povo tão imenso, um homem  
belo a quem

quisesses mais que de Pisauro moribunda esse teu  
hóspede mais pálido

que estátua redourada, que tens no coração e que  
ousas preferir 5 a mim? Não vês o crime que  
cometes!



Caio Mecenaz: amar o seu amigo an 01 Braço direito de Augusto, é de conhecimento geral que o etrusco Caio Mecenaz (70 a.C. — 8 d.C.) criou ao seu redor um impressionante círculo de artistas, que incluía poetas como Virgílio, Horácio, Propércio, entre outros. Sua origem aristocrática e rica o levou à primeira linha de Roma, mas sabemos que nunca buscou passar do seu estatuto equestre, por iniciativa própria: nunca ocupou cargos públicos, embora tenha sido importantíssimo para a propaganda política augustana. Menos conhecida é sua faceta poética. Embora nenhum dos dois poemas abaixo seja necessariamente considerável como homoerótico de fato, é interessante notar como, ao se dirigir a um protegido (ou cliente), o patrono Mecenaz prefere utilizar um vocabulário e um estilo que mais se aproximam da lírica amorosa grega do que da formalidade cotidiana romana. Os dois fragmentos abaixo são dedicados ao poeta Quinto Horácio Flaco. [Guilherme Gontijo Flores]